

DECLARAÇÃO À RAIVA: Peças de mim endereçadas

Sabrina Xavier¹

RESUMO

O presente ensaio investiga a raiva a partir das ideias levantadas por Audre Lorde em *Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo*, discutindo o emprego desse sentir como potência capaz de gerar transformação social e autocura, e a escrita como instrumento para criação de novos mundos possíveis.

Palavras-chave: Audre Lorde; Racismo; Escrita.

A partir de agora vai exalar de mim coisas que vi, vivi e senti. Da janela da minha cozinha e pelo andar da minha carruagem. Sente-se leitor, sinta-se à vontade, vamos decolar na carruagem do tempo.
Dona Jacira, 2018.

Sento-me aqui a espiar minha raiva, nos últimos meses tenho estreitado relação com essa que já não via há tempos, não como a estou vendo agora, tão inequívoca, tão perto. Não falar dá raiva, não falar dá pus na garganta. Eu nunca fui incentivada a falar, nem sobre o que eu vivia nem sobre os meus sentimentos, tudo que eu precisava fazer era levantar e realizar minhas obrigações do dia. Eu tinha minhas irmãs e nós falávamos, em nossos tácitos rituais de zelo e cura, mas quando eu tinha algo que era secreto, doloroso ou vergonhoso demais para ser dito em voz alta, eu escrevia. Cultivei um mesmo diário dos oito aos treze anos e quando o leio hoje vejo o retrato do que é ser uma criança negra na escola, a violência, a solidão e o silenciamento impostos a um corpo tão frágil. O que é feito das crianças que são expostas a violência racista desde a primeira infância? Os ressentimentos produzidos se tornam raiva?

Assim como eu, outras tantas pessoas negras tiveram suas infâncias ceifadas pelo racismo e suas vidas cotidianas perpassadas por experiências de violência racial. Essa violência é exposta no livro “Negras inconfidências - Bullying Não. Isto é Racismo”, organizado pela pedagoga Benilda Brito e a historiadora Valdecir Nascimento, que conta com 21 relatos de mulheres negras, hoje adultas e atuantes na militância ou nas áreas de educação e psicologia, falando dos momentos de racismo que passaram na escola (BRITO; NASCIMENTO, 2013). Em entrevista concedida ao Odara - Instituto da Mulher Negra, Valdecir Nascimento declara:

¹ Graduanda do curso de linguística na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail para contato: sabrinaxaviercontato@gmail.com

Cada relato conta de forma particular a experiência dolorosa de toda criança negra no espaço escolar. É preciso escrever sobre isso para que possamos converter nossas escritas e histórias em ferramenta de enfrentamento à educação baseada nas hierarquias sociais, raciais e de gênero. (NASCIMENTO, Valdecir. Odara lança livro *Negras* (in) *Confidências Bullying, não. Isto é Racismo*. *Entrevista* concedida a Odara - Instituto da Mulher Negra, 2013).

A dor, um dos lugares-comuns que nos une enquanto pessoas negras em diáspora, quando temos sorte se transforma em raiva e a raiva nos levanta em direção ao sustento, a potência, a resignificação de estar no mundo. Audre Lorde define a raiva como “um sofrimento causado pelas distorções entre semelhantes, e a sua finalidade é a mudança” (LORDE, 2019 [1984], p. 161). Penso que a raiva nos move à medida que precisamos dela para não deixar para trás a dor colonial que ainda vivemos hoje, para não nos esquecermos que estamos situados geográfica e epistemologicamente ao sul.

A raiva então é uma tecnologia de sobrevivência para nós, ela é adquirida por experiências de escassez e portanto não deve ser desejada, ela deve apenas ser aceita como um elemento natural, como o oposto complementar da tranquilidade. Ao dizer que não devemos desejá-la, penso na total desconexão com o mundo espiritual promovido pelo ocidente e o quanto essa desconexão também promove um viver sem chão, solto no ar. Não se trata aqui de religiosidade, mas da compreensão de que não somos tronco e membros administrados pela seção Cabeça, mas um complexo arranjo em que mente, corpo e espírito dançam juntos. O espiritual a que me refiro é o nosso regar cotidiano.

Quando nos juntamos para responder ao racismo damos vazão à raiva, a conduzimos como água até o rio, isso é reconhecer a realidade social e olhar criticamente a sua estrutura. A raiva é um ritual que desmantela o racismo, ou ao menos o desestabiliza. Pensemos no trabalho intitulado *Free, White and 21* (Livre, Branca, 21 anos, em tradução livre) da artista visual estadunidense Howardena Pindell. Essa obra, datada em 1980, é um registro autobiográfico que denuncia a dominação branca no campo das artes e mostra a percepção da artista de que estava a todo tempo sendo estimulada a focar seus esforços nas pautas das mulheres brancas. Nele, Pindell monta um diálogo dela mesma com uma personagem branca e loira, representada também por ela. No vídeo, Pindell relata alguns dos racismos que vivenciou da infância até a vida adulta, e é respondida pela personagem branca com falas como “Sabe, você deve ser muito paranoica. Coisas como essas nunca aconteceram comigo, e não conheço ninguém que já tenha passado por isso. Mas é claro, eles são livres, brancos e têm 21 anos então não teriam esse tipo de experiência”² e “Não se preocupe, acharemos

² Essa e as traduções seguintes são traduções livres.

outros tokens” (PINDELL, Howardena, 1989). Ao final, Pindell desata uma faixa bandagem que tampava todo seu rosto e se desfaz de uma fina película, que lembra pele descascada, grudada sobre a face, e a personagem branca faz o movimento oposto, cobre o rosto com uma meia calça branca e diz:

Sua menina ingrata, depois de tudo que fizemos por você... Sabe, eu não acredito nos seus símbolos, você devia usar nossos símbolos, os símbolos não são válidos a menos que nós os validemos. E você realmente é paranoica, eu nunca tive uma experiência como essa, mas é claro, eu sou livre, branca e tenho 21 anos. (PINDELL, 1989, tradução livre).

Esse trabalho foi uma reação furiosa da artista, notada e mal vista por onde a obra passou. As pessoas brancas duvidaram de que os relatos contidos ali eram verdadeiros e tratavam com desprezo o trabalho e a própria artista. Em sua declaração de artista, Pindell diz que:

"Autobiography", uma seleção de trabalhos em papel e tela de um corpo maior de trabalho, aborda aspectos multifacetados de meu ser e experiência. Optei por não focar apenas no que me trouxe angústia, como minha experiência pessoal com questões de abuso, algumas das quais foram provocadas por encontros com racismo, sexismo e questões de classe, mas expandir para incluir minha jornada espiritual interna e externa. [...] A "Autobiography" foi iniciada em 1980 com a performance em videoteipe *Free, White and 21*. (PINDELL, 1989, tradução livre).

As reações de recusa à obra de Pindell ocorreram porque ela apontava as contradições na dinâmica das relações raciais. Olhar para o próprio racismo era aflitivo demais para a branquitude. São ações de raiva como essa de Pindell que causam fissuras e mudanças no sistema desigual em que vivemos. Mas quantas de nós temos tempo e ousadia suficiente para assentir a própria criação? Quantas de nós estamos dispostas a romper com o norte da bússola? Quantas de nós teremos oportunidade, possibilidade? Para mim a janela foi a escrita documental, de alguma maneira narrar a habitual tristeza da vida me ajudava a me tornar possível para os próximos dias.

Minha reminescente carruagem me conduz da escola à universidade e vejo tantos pontos em comum quanto são possíveis entre eles. Para corpos pretos, lindos e insubmissos como o meu, a universidade ainda é um lugar de coibição, silêncio e proibição. E a minha saída de emergência, novamente, é a escrita. A escrita é um exercício solitário que pode ou não ser compartilhado mais tarde, ele se torna conveniente para nós por esse exato motivo, a escrita é um lugar secreto e salutar. A escrita registra o que apagam quando falamos e reescreve as histórias mal contadas sobre nós (ANZALDÚA, 1981).

Seja qual for o lugar em que a empregamos, nossa energia geradora de mudança, esse exercício precisa ser tomado se quisermos manter nossas vidas e de nossa linhagem a salvo. O medo provoca silêncios, o silêncio dá raiva, dá pus na garganta, traz doenças às vezes

irreparáveis. Lorde declara: "meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai te ensinar nada." (LORDE, 2019 [1984], p. 155). Ser capaz de se organizar internamente ao ponto de expressar a raiva pode ser também um processo de autocura. Que possamos ver potência no que é proibido: não deixemos que a raiva coagule adentro.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G.; de Marco, É.; de Lima Costa, C. & Schmidt, S. P. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, 8(1), 2000, 229-236.

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (orgs.). **Negras (In)Confidências – Bullying, não. Isto é Racismo: Mulheres Negras contribuindo com as reflexões sobre a Lei 10639/03**. 1. ed. Belo Horizonte – MG: Mazza Edições, 2013.

JACIRA, Dona. Café. [S. l.]: **LiteraRUA/Laboratório Fantasma**, 2018. 440 p.

LORDE, Audre. **Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo**. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984]. cap. 12, p. 155 - 167.

NASCIMENTO, Valdecir. Odara lança livro **Negras (in) Confidências Bullying, não. Isto é Racismo**. Entrevista concedida a Odara - Instituto da Mulher Negra, 2013. Disponível em: <https://institutoodara.org.br/odara-lanca-livro-negras-in-confidencias-bullying-nao-isto-e-racismo/>

PINDELL, Howardena. **Autobiography. Cyrus Gallery, New York, October 5 – November 18, 1989**. Trecho disponível em: <https://pindell.mcachicago.org/the-howardena-pindell-papers/artists-statement-1989/>

PINDELL, Howardena. **Fazer um vídeo: Livre, branca, 21 anos**. Tradução por Stephanie Borges. SP-Arte, 2020. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/fazer-um-video-livre-branca-21-anos-2/>

PINDELL, Howardena. **Free, White and 21**. 1980.